

Enviado em: 20/06/2007 - Aceito em: 23/06/2007

“A LÍNGUA DO BRASIL AMANHÃ E OUTROS”**Adriana Faria de Escalada 1**

PERINI, Mário A. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

“A língua do Brasil amanhã e outros mistérios”, de Mário A. Perini é um livro muito gostoso de ler. O autor tem um ótimo senso de humor e não foram poucas as vezes em que me vi rindo sozinha do que acabara de ler. O livro está dividido em “ensaios”, termo utilizado pelo próprio autor para descrever seus capítulos.

No primeiro ensaio, “A língua do Brasil amanhã”, Perini fala sobre certas previsões de que, no futuro, falaremos uma língua misturada com o espanhol. Gostei muito de vê-lo defender que palavras estrangeiras, incorporadas ao português, existem há muitos anos e que algumas até modificaram sua grafia e “perderam o sotaque” (p. 13). Perini lembra que 99% de nossas palavras são de fabricação nacional. Outro dado que chamou minha atenção foi a menção sobre o manual de redação da Folha de São Paulo, que proíbe o uso da mesóclise em seus textos. Outra idéia interessante foi o trecho em que o autor defende o uso “não culto” da linguagem na fala. Se escrevermos da forma que falamos, o resultado será desagradável, mas falar como se escreve também o é. Perini termina esse primeiro ensaio dizendo que não devemos temer as mudanças na língua; elas são naturais e não põem em risco nossa soberania lingüística.

Ensaio 2: “Um continente inexplorado”. Perini compara português com matemática. Diz que memorizar o conteúdo de uma gramática não é estudá-la, da mesma forma que tampouco é possível memorizar todos os resultados matemáticos; deve-se saber “fazer” as contas.

¹ Graduada em Letras/Inglês pela Unioeste - Universidade Estadual do Oeste do Paraná Campus de Foz do Iguaçu e professora.

Ensaio 3: “As 3 almas do poeta”. Aqui o autor chamou minha atenção ao lembrar-me de algumas diferenças entre as línguas, como o fato de, em português, usarmos “dedo”, enquanto que em inglês faz-se a diferença entre os dedos das mãos (finger) e os dos pés (toe), mostrando que há diferenças culturais importantes entre as línguas. Faço aqui uma ressalva: na página 48 o autor traduz “enjuagar” como “enxugar”. Na verdade, “enjuagar” significa “enxaguar”. Fica a dúvida: será que o autor desconhece o verdadeiro significado da palavra ou foi um erro do digitador, já que “enxugar” significa “enjuagar”, muito semelhantes na grafia? O exemplar que li parece estar em sua primeira edição e, por isso, acredito mais na segunda hipótese. Mesmo assim acredito ser esse um erro sério, já que no ensaio 6 (que comentarei mais adiante) o autor critica os maus tradutores e os digitadores que cometem esse tipo de erro (p. 100).

Ensaio 4: “Os 2 mundos da expressão lingüística”. Esse é um dos capítulos mais interessantes para mim. O autor dá exemplos concretos da inviabilidade de se falar como se escreve e vice-versa. Com exemplos simples, ele comprova que falar como se escreve sobrecarrega nossa memória. Outro item importante desse ensaio é a parte em que ele menciona os termos anafóricos, “palavras que só podem ser plenamente entendidas com referência a outras palavras no texto” (p. 69). Perini fala dos anafóricos e os exemplifica da seguinte maneira: “hoje ela vai almoçar aqui”. Quem é ela, quando é hoje e onde é aqui? Não é possível compreender essa frase se não houver informações prévias a respeito.

O ensaio 5, “Etimologia popular”, é leve e gostoso de ler. O autor conta a “história” de algumas palavras para mostrar que a etimologia popular tem grande influência na transformação de uma língua.

Ensaio 6: “Tradução e traição”. Este é, para mim, o ensaio mais polêmico do livro. Como já mencionei anteriormente, Perini critica os tradutores. Só que ele já cometeu um erro que se encaixa justamente na crítica que ele faz aqui. Além do erro da página 48 (“enjuagar” traduzido como “enxugar”), também chamou minha atenção o comentário que ele fez sobre uma tradução, de italiano para português, de uma receita num pacote de massa italiana (p. 87). Tomei o cuidado de consultar uma colega, professora de italiano, sobre qual seria a tradução de “finché tutta lacqua non sai stata assorbita”. Ela também traduziu da forma que Perini considera errada: “não deixando secar por completo”. Fica aqui minha dúvida quanto ao que é realmente

correto. De qualquer forma, ele fala das inúmeras vezes em que nos sentimos irritados com uma má tradução. Às vezes uso a tecla SAP de minha televisão para me ver livre das péssimas dublagens das quais somos vítimas.

Ensaio 7: “Da gramática à guerra no mar”. Aqui Perini fala um pouco sobre Fernão de Oliveira, o primeiro a escrever uma gramática portuguesa. Fala também sobre a importância do português na época da expansão marítima, os aspectos políticos que influenciaram as línguas da época. Ele dá alguns detalhes dessa gramática, de como se devia pronunciar certos sons, por exemplo.

Ensaio 8: “Línguas impossíveis”. Este ensaio começa um pouco confuso, com a tentativa do autor de explicar diferenças sintáticas e morfológicas existentes entre as línguas. A parte em que ele explica a estrutura do verbo em amárico (língua da Etiópia) está, a meu ver, um pouco confusa. Seu objetivo aqui é o de mostrar que, ao se aprender um língua desde criança, suas regras são internalizadas sem a necessidade de se entender suas regras formais. Outro fato relevante mencionado nesse capítulo foi a descrição dos “universais da linguagem” (p. 123), que são traços que valem para todas as línguas, bem como aqueles que são impossíveis em todas as línguas (p. 126).

O ensaio 9, “Decifrando Horácio”, trouxe de volta meu interesse por esse livro. Perini explica de maneira bem simples fatos complexos como semiótica, significado, significante, pragmática, etc. (sem mencionar nenhuma dessas palavras, vale lembrar). Ele justifica a importância de um conhecimento prévio, do contexto histórico, quando transcreve um trecho de um poema de Horácio. Podemos entender as palavras, individualmente, mas o conjunto não tem muito sentido para nós, que vivemos milhares de anos depois do poeta.

Ensaio 10: “A gramática nasceu em Alexandria”. Nesse capítulo o autor nos diz que apesar de estarmos tão distantes historicamente das primeiras gramáticas, ainda utilizamos muitas de suas regras, mesmo as erradas para nossos dias. Ele termina esse ensaio dizendo que, entre os aspectos mais negativos da herança grega, o maior é “a incapacidade de olhar em volta e ver a própria realidade lingüística” (p. 160).

Ensaio 11: “Percepção e cognição”. Perini inicia esse ensaio analisando alguns aspectos fonéticos das palavras ditas em português. Algumas letras são pronunciadas de formas claramente diferentes para nós (“t” e “d”), mas outras nem tanto (“s” em

“sítio” e em “suco”). “Aprendemos a não ouvir essas diferenças”, diz ele na página 164. Após esta análise, Perini fala de alguns problemas cognitivos que causam deficiências da fala, assunto que acredito não ser de muita ajuda para meu trabalho.

Muito interessante de um modo geral, este livro ajudou-me bastante, abrindo minha mente para argumentações sobre o tema do preconceito lingüístico, que antes não cogitava fazer. Sem dúvida, uma ótima leitura recomendada a todos que também querem saber mais sobre a nossa língua “brasileira”.